

O SIGNIFICADO DA INDISCIPLINA NO COTIDIANO DA ESCOLA

Ana Archangelo GUIMARÃES¹

Ana Claudia de SOUZA²

Ivanice Trindade da SILVA³

RESUMO: Esta pesquisa procurou identificar e analisar diferentes manifestações de indisciplina escolar e as razões de sua ocorrência. Ao verificarmos as frequentes queixas de professores quanto ao comportamento de seus alunos, decidimos buscar o sentido destes comportamentos considerados indisciplinados. Optamos pelo método de pesquisa qualitativa e participante, realizando entrevistas, observações e análise das aulas de duas salas do período vespertino em uma escola estadual. Verificamos que os atos considerados indisciplinados resultam em estigmas e perseguições, que fazem com que estes alunos, vistos como os piores da escola, introjetem esses conceitos, fragilizando a relação professor-aluno. Entretanto, notamos que mesmo a sala escolhida como a mais indisciplinada da escola, pode reconstruir sua auto-imagem, refletindo claramente as atitudes do professor em relação a ela.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina; Relação Professor-Aluno; Estigma; Formação de Professor

ABSTRACT: THE MEANING OF THE INDISCIPLINE IN THE SCHOOL DAILY

This research is an attempt to point out and to analyse different manifestations of misbehaviour at school and their causes. As we were confronted to the teachers' frequent complaints about their students, we decided to search for what is behind this misbehaviour. We chose the qualitative and participant observation method of research. We observed, analysed and interviewed two groups of students from a public school in the morning period during the classes. One group was considered the best while, the other was considered the most dysfunctional. We observed that the behaviours considered inadequate set stigma and discrimination on the students who, in turn, internalise these concepts, crystallise them. That ends up weakening the relationship between teachers and students. However, we noticed that the group of students we chose as the most dysfunctional of the school can rebuild their self-image as a reflection of a teacher's clearly positive attitude towards them.

KEY-WORDS: Misbehaviour; Teacher and Student Relationship; Stigma; Teachers' Training

1 APRESENTAÇÃO

Diante de uma precária formação e de tantos imprevistos, sustos e decepções, o professor contemporâneo tem se visto em uma

difícil situação, tentando equilibrar momentos de tensão, traduzidos na indisciplina de seus alunos. Como resultado, temos, em alguns casos, um efeito cíclico, em que o professor que se sente agredido pelo que considera

¹ Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 - Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

² Graduada no curso de licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

³ Graduada no curso de licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Presidente Prudente -SP

indisciplina do aluno, tenta castigá-lo; e o aluno, por sua vez, provoca ainda mais o professor e assim sucessivamente.

Tendo como ponto de partida as queixas de professores da rede e a freqüente questão de qual seria o culpado pela indisciplina, resolvemos diagnosticar suas formas e motivos de sua manifestação.

É arriscado referirmo-nos à indisciplina, pois trata-se de um tema de conhecimento comum, porém de grande complexidade. Todos a reconhecem, poucos conseguem explicá-la. Todos desejam defini-la, como se este aprisionamento conceitual fosse capaz de detê-la. Entretanto, como que por ironia, ela, em cada contexto, ganha forma e significado próprios. A indisciplina denuncia pontos cegos existentes na instituição, ao mesmo tempo que os mascara. Aponta para a inadequação da instituição em relação ao atendimento de suas finalidades, mas em muitos casos desfoca a preocupação quanto à origem desta inadequação. Para isso nos aponta Aquino (1996, p.20).

Vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (deprecação das instalações, por exemplo). É certamente este aspecto desrespeitoso de certos comportamentos discentes que preocupa no mais alto grau os educadores.

Entretanto, Aquino não coloca toda a responsabilidade do fenômeno da indisciplina sobre o aluno e o professor, pois também afirma que a indisciplina *...seria um sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro.* (1996, p.45). A indisciplina seria uma forma de o aluno expor a inadequação do sistema idealizado e ilusório à sua realidade como criança e/ou adolescente.

Apesar de a indisciplina não ser exclusividade da escola, cabe a ela a “cura” da criança indisciplinada, pois o comportamento inadequado vem crescendo cada vez mais rapidamente. Os alunos têm atitudes muitas vezes incontroláveis, enquanto os professores procuram ser ora condescendentes, ora drásticos demais. Em geral, acabam sendo insuficientes.

A investigação sobre indisciplina da qual trata este artigo não pretendeu, portanto, quantificar ou classificar os comportamentos considerados indisciplinados, mas reconhecer nos comportamentos e nas atitudes, a dinâmica que os produzia. Foi, portanto, necessário um contato direto com o ambiente escolar e sua complexidade, presente nas relações.

Utilizamos a pesquisa qualitativa, que *tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.* (Ludke & André, 1986, p.11).

A complexidade do tema exigiu uma abordagem interpretativa, a fim de que os resultados da pesquisa alcançassem o rigor necessário.

Realizamos as observações em 2 salas de aula, de uma escola estadual, escolhidas pelos professores como a melhor e a pior sala, o que nos permitiu uma visão mais abrangente da realidade no ambiente escolar. Foram realizadas observações em sete disciplinas, entretanto, neste artigo, são relatadas aquelas nucleadoras da discussão proposta.

No decorrer da observação, foram realizadas conversas informais com professores e com alunos, além da interpretação, ferramenta fundamental para a construção do sentido da dinâmica complexa em que estivemos inseridas.

2 O COTIDIANO DAS OBSERVAÇÕES

A 5ª série nas aulas de:

Língua Portuguesa (01/06)

Já havíamos sido apresentadas como estagiárias pelo professor de outra disciplina. A primeira reação da classe foi a esperada, como curiosidade e tentativas de chamar nossa atenção. Nas aulas de português, já estávamos inseridas no grupo, o que nos permitiu a observação do que segue.

Os alunos permanecem sentados e ficam boa parte do tempo calados. Quando há conversa, o nível de voz é mínimo, e quando se excede, a professora logo pede silêncio, sendo prontamente atendida.

A professora fica boa parte do tempo sentada. Aplica um texto do livro didático para leitura (várias vezes, em voz alta) e interpretação. Ao caminhar pela classe, observa, além do comportamento, se os alunos estão ou não fazendo a tarefa, impedindo, assim, maiores dispersões. A educadora mantém-se séria, e com uma postura firme e decidida: não sorri ou tem conversas informais com os alunos dentro da classe.

Ao final da aula, a professora afirma ter que “dar uma de louca” quando a situação foge ao controle, a fim de que os alunos voltem a comportar-se.

10/09

Estávamos ainda no corredor quando um aluno, correndo, grita ao colega: “corre que essa daí é brava”, Este “correr” é correr para a classe e “ela” é a professora de Língua

Portuguesa, que no momento se aproximava da sala de aula.

Iniciada a aula (novamente leitura e interpretação de textos), um aluno pede à professora para que o tire do reforço, e ela lhe responde que se ele ficar quieto e fizer o que ela mandar, ela o fará.

Alguns alunos conversam. A professora diz “estão vendo as estagiárias? Elas dão nota para a classe. Da outra vez que elas vieram, elas deram zero para vocês... Tenham mais educação. Querem tirar outro zero?”

Durante a leitura do texto alguns alunos lêem e outros fingem ler, ficando quietos. Um dos alunos afirma não saber ler. A professora vai até sua carteira a fim de ajudá-lo. “Como você, um aluno da 5ª série, não sabe ler? Então você tem que voltar lá pra 1ª, 2ª série. Leia esta linha...” diz a professora em tom ríspido. O aluno lê com a voz trêmula e a professora lhe pede que leia direito; ela insiste alguns minutos, corrigindo-o. Os demais conversam e riem. Com um grito, a professora pede que os alunos se calem, sendo atendida.

Esta professora sempre responde secamente aos alunos. Um exemplo “Começa você a leitura”. O aluno responde “onde professora?” e a professora conclui, “no começo, ou você já viu começar pelo fim?”. Em outro diálogo, um dos alunos diz à professora que um determinado colega tem medo dela e por isso nem conversa em sua aula. A resposta “medo? Eu não sou bicho! Tem que ter respeito e não medo.”

Matemática (01/06)

O professor inicia a aula escrevendo a matéria na lousa (geometria: ângulos), enquanto os alunos agem como se ele não estivesse lá (andam, gritam, dançam e saem da sala). O professor tenta chamar a atenção dos alunos para seu futuro, destacando a importância dos estudos; entretanto é ignorado e seu tom de voz não permite que se faça ouvir. É desconcertante o modo como o professor leciona. Como um robô, ele entra na sala, escreve o conteúdo na lousa, faz a chamada e explica a matéria, mesmo que não haja ninguém prestando atenção em suas explicações.

Dos vinte e oito alunos presentes na classe, sete participam da aula. Os demais, além de atrapalhá-los, mantêm-se completamente alheios ao assunto tratado. A todo o momento o professor pede a eles que respeitem nossa presença, o que não causa reação alguma nos alunos.

Ao soar o sinal, a bagunça é inacreditável quanto à intensidade e proporções. Um dos alunos se aproxima e diz “coitado desse

professor, ninguém presta atenção na aula dele”.

Antes de sair, o professor nos surpreende com suas constrangidas ponderações sobre o magistério. Diz-se arrependido da escolha que fizera e desaconselha todos que se proponham a seguir a profissão.

Nesta aula, não apenas os alunos chamam a atenção (pelo seu descontrole), mas a atitude do professor, acomodado, alheio diante de tal situação. O desconforto expresso por ele no final da aula transparece conformismo.

31/08

Ao entrarmos na sala, um aluno nos pergunta o que fazemos ali. Respondemos que estamos aprendendo a dar aulas; o aluno finaliza “com esse ‘véio’ aí?”. Entre si, os alunos dizem que anotamos “o nome de quem bagunça”.

O professor escreve exercícios na lousa (M.M.C. – Mínimo Múltiplo Comum), alguns alunos vão ao quadro resolvê-los, enquanto a grande maioria se reúne em grupos e conversa em alto e bom som. Os alunos brincam de dar tapas na cabeça uns dos outros, assoviam, chutam bola, rebatem-na, etc, durante a correção. A sala tem 30 alunos presentes. Dez deles fazem a lição.

Em outro momento, o professor diz aos alunos que se pegar a bola, não a devolverá mais, o que, na verdade, o professor não pode fazer. Os alunos recomeçam a bagunça e a situação se repete algumas vezes. A todo momento, o professor nos observa.

A seguir, o professor ameaça uma das crianças que brinca com os colegas, dizendo que seu nome irá para o livro de ocorrências (que relata todas as “irregularidades” cometidas pelos alunos). O aluno finge sentar-se mas logo recomeça suas brincadeiras. O professor continua falando que tomará a bola e tenta pegá-la. O aluno foge, finge ficar quieto, o professor desvia sua atenção e o aluno continua brincando com a bola.

A maioria dos alunos fica em grupos, conversando. Alguns movimentam-se o tempo todo, parando ao nosso lado.

O professor recolhe a bola e as crianças protestam.

O professor explica um novo conteúdo (M. D. C. – Máximo Divisor Comum). Duas alunas participam da aula. Oito alunos copiam. Os demais continuam inquietos, alguns nos observam.

Ao ver o professor sentar-se e abrir a caderneta, um dos alunos grita “ocorrência!”. Os grupos se desfazem, mas a conversa e o

barulho continuam. O professor finge anotar os nomes, observando os alunos um a um. Não registra nenhuma ocorrência.

Um aluno afirma que bagunça nesta aula porque o professor “é velho e só tira a bola, e puxa o cabelo de vez em quando”. Quando indagados sobre o que pensam de sua classe, boa parte diz fazer parte da “sala mais doida da escola”.

Os meninos pegam uma presilha de cabelos de uma das meninas, jogando o objeto de um lado para o outro da classe. O professor pede que os garotos devolvam a peça à sua dona e eles obedecem.

Uma aluna resolve exercícios na lousa enquanto seus colegas falam alto, correm e brincam. O professor permanece na porta da sala para que os alunos não saiam.

Novamente somos questionados se marcamos ou não os nomes. Respondemos que não e os alunos não se convencem.

Ao final da aula, o professor distribui giz para algumas alunas, que agradecem o gesto. Ele responde com um sorriso.

História(10/09)

Nesta aula o professor não admite bagunças e conversas paralelas, pedindo que “cada um faça sua parte”.

Uma garota ameaça ir embora alegando que outra garota pegou sua carteira. O professor interfere, dizendo que não há mal nisso e esclarecendo que o móvel é da escola, portanto é de quem precisar naquele momento. Diz a ela que “se quiser mandar” em algum móvel terá que trazê-lo de sua casa. Neste momento tumultuado afirma que “quem manda na classe é o professor”. A garota diz que irá até a direção reclamar sobre o fato quando o vice-diretor surge na porta da sala. A garota e o professor relatam o ocorrido ao vice-diretor. O professor diz que “ela vai se sentar em qualquer carteira, porque isso é indiferente e quem manda na sala sou eu!”. O vice-diretor balança a cabeça em sinal de concordância e retira-se. A garota se convence e participa da aula como se nada tivesse acontecido. O professor não se abala com o episódio.

Numa conversa informal, o professor nos revela que é a primeira vez que leciona numa 5ª série (aliás, a única sala de ensino fundamental em que trabalha). Afirma que naquela sala não consegue dar aulas, que “entra, passa o conteúdo e sai da sala”. Nós o interrompemos, dizendo que diante do que vimos, ele é um dos poucos que consegue dar aulas lá (afinal, muitos fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem). Ele sorri, como se agradecesse o comentário.

A impressão que tivemos foi de estarmos em outra sala, pois a conversa não

incomodava tanto e até os alunos mais indisciplinados se envolveram na tarefa de pintar um Mapa-múndi.

No início da aula, o professor nos disse que a aula não seria tão interessante, pois os alunos pintariam mapas, mas se quiséssemos, a sala estaria a nossa disposição.

O que o professor previu como aula pouco interessante, teve a participação de 98% dos alunos, que questionavam sobre a localização de alguns países das Américas, dos oceanos e outras curiosidades e dúvidas similares; individualmente, caminhando pela sala, o professor sanava as dúvidas.

A 7ª série nas aulas de:

Língua Portuguesa (13/09)

A professora é a mesma da 5ª série, porém o relacionamento é completamente diferente, parecendo tratar-se de outra pessoa. A professora brinca conosco quando nos vê, dizendo que gostamos de estudar, que vamos “da 5ª a 8ª série de uma só vez”.

Com o livro didático, os alunos fazem as atividades e questões de interpretação de texto.

A maior parte do tempo a professora permanece sentada respondendo a eventuais perguntas e/ou dúvidas dos alunos.

As conversas existentes não perturbam e em geral são relativas à matéria estudada.

Todos fazem a lição. Conversam, mas a descontração predomina. A professora tem na sala alunos ao mesmo tempo descontraídos e interessados nas atividades propostas.

É impressionante como uma professora possui posturas tão diferentes. Nessa sala, o sorriso, a simpatia, as brincadeiras demonstram uma relação de companheirismo. Em nenhum momento a professora alterou seu tom de voz.

3 UM JOGO DE BARGANHAS

Atitudes como chantagens e mentira são mecanismos constantemente utilizados pelos professores a fim de reduzir a indisciplina. As aulas de reforço, por exemplo, deveriam ter um valor positivo, de ajuda mais sistemática para quem necessita, de oportunidade de fortalecimento de vínculos com alguns alunos, porém foram convertidas, através das atitudes dos professores, em instrumentos de barganha e, conseqüentemente, de ataque, pois quem for escalado para o reforço acaba ganhando, de quebra, o sentido de castigo que ele representa.

Em virtude disso, o sentido de estar na escola e os objetivos do professor se perdem, o que justifica a falta de interesse e participação dos alunos durante as aulas.

4 O QUE O PROFESSOR RESERVA DE SI PARA A CLASSE

Não fosse o exagero, o comportamento da 5ª série (considerada a pior sala da escola no período vespertino) seria absolutamente comum: andar constante e conversas do início ao fim das aulas. Todavia, a intensidade com que estas características aparecem nesta sala evidencia algo que ultrapassa o limite do que se costuma considerar normal. Ora, os alunos da 7ª série (escolhida como a melhor sala do período) também conversam, também andam pela sala, porém suas atitudes demonstram mais coleguismo e interesse que indisciplina. Por quê?

As atitudes dos alunos mostram claramente as reações às situações a que são submetidos. Não apenas seu histórico de vida, mas o comportamento da escola faz os alunos como são. A 5ª série absorve todos os aspectos negativos que lhe dispensam. São considerados os piores alunos, vêem a escola lhe mostrando isso a cada dia e têm alguns professores que, em função deste estigma de “pior sala”, lhes reservam o pior de si.

A professora de Língua Portuguesa leciona na 5ª e 7ª séries. É impressionante como suas atitudes são diferentes com cada sala. Enquanto na 5ª série o clima é tenso (os alunos hesitam em aproximar-se da professora ou em conversar com ela), na 7ª série reina a descontração. A aula flui de maneira agradável. Os alunos fazem tranquilamente a tarefa e a professora permanece conversando com eles. Todos riem, não há gritos dos alunos ou reações severas da professora. É nítida a presença do conceito de “sala boa” ou “sala ruim” difundido pela escola. A própria maneira como a professora entra nas classes já denuncia o que acontecerá em cada uma delas. Na 7ª série, a professora chega na classe, diz “boa tarde” e sorri. Na 5ª série, os alunos, ao vê-la se aproximando, já correm para dentro da sala. Quando a professora chega na classe, espera que todos se calem e entra séria e silenciosa.

Desta forma, podemos afirmar que se torna previsível que a indisciplina ocorra em uma das classes e não na outra. A expectativa negativa dos professores em relação à 5ª série, faz a classe manter uma postura correspondente a tal expectativa. Neste caso, poderíamos verificar que “... a expectativa de uma pessoa sobre o comportamento de outra pode funcionar como uma profecia auto-realizadora”. (Patto, 1983, p.287), ou seja, os professores acreditam que a classe é ruim e lhe dispensam um tratamento diferente do que

conferem à sala considerada boa, obtendo assim, os resultados nos quais acreditam.

5 IMAGEM QUE OS ALUNOS TÊM EM RELAÇÃO AO PROFESSOR

É de grande valor a imagem de si mesmo que o professor expõe aos seus alunos. As crianças podem claramente distinguir entre um professor capaz de controlar a classe, de outro que sucumbirá às suas provocações.

Algumas posições dos professores de Matemática e Língua Portuguesa, por exemplo, sinalizam, muitas vezes de forma implícita e não verbal, que um não se importa com eles e o outro os prefere afastados. Os alunos vêem o professor de Matemática como “um velho que não ensina nada, não se importa porque está prestes a se aposentar”. A visão dos alunos quanto a este professor é absolutamente compreensível. O professor age indiferentemente a qualquer protesto dos alunos. Não se importa se os alunos participam ou não da aula, se copiam ou não a matéria. Ele parece agir mecanicamente o tempo todo. É nesta aula que os alunos da 5ª série apresentam elevados níveis de indisciplina e convivem com uma situação penosa, pois cadeiras são jogadas, bolas são chutadas, aos gritos cantam músicas e batem nas carteiras, dão tapas uns nos outros, papéis picados e giz são arremessados de um lado a outro da sala; com isso, o pó do chão se eleva formando uma “nuvem de poeira” no ar. A indiferença do professor diante deste caos criado nas aulas que deveria coordenar, caracteriza-se como uma agressão de sua parte em relação aos alunos.

Já a professora de Língua Portuguesa é vista como “muito brava e chata”; é como se os alunos tivessem medo dela, mas este medo, comparado ao sentimento provocado pelo professor de Matemática, é infinitamente mais positivo. Significa que a professora não está indiferente a eles, pois, apesar de brava, é muito exigente e essa mesma exigência pode traduzir-se em afetividade dela em relação à classe. É claro que sua postura está longe da ideal, mas pode significar a preocupação de um em relação ao outro e isso parece ter importância para os alunos, pois é na aula dela que todos correm para não haver atraso na volta do intervalo.

6 BASES OBJETIVAS DA IDÉIA DE PERSEGUIÇÃO DOS ALUNOS

Poderíamos avaliar o comportamento da 5ª série como um total desinteresse pelo aprendizado, como mais um reflexo da desestruturação familiar e social, como o puro

prazer de “personificar o mito do mau aluno que se torna o herói da escola”. Porém, existem outros aspectos que devem ser discutidos.

Todas estas reações (gritos, conversas constantes, brincadeiras, etc.), trazem à tona ocorrências da infância e seus desdobramentos. Em sua maioria, estas crianças vivem em situações de pobreza e de tensão familiar, como o desemprego. Dentro deste contexto de vida, são impostas a elas privações que tendem a dificultar seu desenvolvimento mais integral. Ao longo dos anos tornam-se mais frágeis e, por esta razão mais defensivas. A combinação da fragilidade com a necessidade de defesa leva o sujeito a reagir, muitas vezes, desproporcionalmente às situações vividas. Este aparente descompasso, quando mal interpretado, acaba por produzir a idéia de que tratamos de crianças más, ou incompetentes, herdeiras da maldade e da incapacidade de seus familiares ou de seu grupo social.

Quando o professor assume essa idéia como verdadeira, passa a tratar o aluno a partir deste lugar que atribui a ele, à sua família e à sua história.

Cria-se, assim, uma situação em que o professor rejeita parte deste aluno e, por este processo, converte-se em seu perseguidor.

Os alunos sabem que o professor é importante para eles, mas acreditam que este os odeia e persegue. Além disso, o professor não é o único que tem expectativas em relação aos alunos: a escola identifica de antemão os alunos de sucesso e os fracassados e tende a segregar estes últimos. Dentro deste mecanismo, o perseguidor seria tanto o professor quanto a escola.

É a escola que define a segregação dos considerados piores no período da tarde; e é ela que estranha quando estes respondem a esta expectativa. Mas os alunos vêm todos, professores, direção e colegas de outras salas, tratá-los como “os piores”. São estes que têm a inspetora de alunos na frente de sua sala o tempo todo.

E qualquer um pode converter-se, neste ambiente, em objeto de perseguição ou perseguidor. Nós, pesquisadoras, não escapamos disso. Fomos tomadas por objetos perseguidores dos alunos. Por muitas vezes os professores diziam aos alunos que anotávamos nomes de quem fizesse bagunça, que estávamos ali para observar quem era o mais indisciplinado e que estes nomes seriam levados à direção e posteriormente ao Conselho Tutelar. Informalmente, alguns alunos nos questionavam se realmente estávamos estagiando para denunciar os alunos considerados mais indisciplinados. Explicávamos que nosso objetivo era aprender com todos os professores como lecionar, mas a insistência dos professores era tão freqüente que, por mais que

disséssemos o contrário, os alunos não acreditavam em nossa palavra, chegando ao extremo de pensar que éramos espíãs policiais.

Os alunos estão cientes de sua imagem dentro e fora da sala e reagem a esta pressão externa assumindo o papel que quase a totalidade da escola impôs a eles.

Do que observamos, a exceção feita a este roteiro perverso é o professor de História. Ao enfrentar a ansiedade persecutória da classe no episódio da briga das alunas pela cadeira, o professor foi capaz de contê-la, sem devolvê-la sob forma de ataque ou perseguição. Neste momento, o professor enfrenta a tensão da discussão e participa desta última, ocupando o lugar que lhe pertencia. Explicou que as carteiras são iguais e que nenhum móvel naquela sala pertence a qualquer aluno e sim à escola, a todos. Como se pode perceber, o professor alcançou diversos objetivos de uma situação educativa:

- 1- Foi capaz de ouvir, demanda talvez mais importante do que a carteira em questão;
- 2- Atendeu a esta demanda sem considerá-la um ataque à sua pessoa ou ao seu trabalho;
- 3- Encarou a disputa entre as duas meninas como algo natural, ainda que inadequado para a situação, e passível de discussão;
- 4- Colocou-se claramente como sujeito diferenciado e, aproveitando seu lugar de representante da instituição, abordou, através de seu posicionamento, a questão do bem-público, do uso comum dos objetos e do espaço coletivo;
- 5- Sinalizou para os alunos que este tipo de confronto pode existir sem que sejam abalados o trabalho que desenvolve e o vínculo existente entre eles, o que, de certa maneira, tende a fortalecê-lo;
- 6- Não potencializou uma angústia própria da classe, o que permite o desenvolvimento de um trabalho qualitativamente diferente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reações dos alunos à escola vêm ao encontro das ações da escola para com os alunos. O fato de haver a escolha da melhor e da pior sala sem qualquer discordância, já demonstrou a visão que a escola tinha daqueles alunos.

Parece haver uma necessidade de expor o aluno que freqüenta a sala tida como pior da escola. É importante ressaltar que se institucionaliza e se cristaliza uma imagem, um lugar específico para o grupo, o que inviabiliza duas coisas: a) que a criança se mostre de outra forma; b) que ao se mostrar diferente, a instituição enxergue estes indícios de transformação (que, em geral, são tímidos). Uma vez institucionalizados os ataques externos, qualquer iniciativa de mudança se torna difícil.

Isto não quer dizer que os alunos também não estejam reservando o pior de si para os professores. Nas observações, algumas de suas atitudes causavam espanto. Fingir não escutar o professor, que, aos gritos, lhes chamava, ou o desrespeito entre si e com os professores, não são atitudes propriamente positivas. Mas também é evidente que os professores são capazes de mobilizar os impulsos mais destrutivos da classe (como o professor de Matemática) ou os mais construtivos (como o professor de História).

Alguns professores conviviam com a desordem sem grandes prejuízos. O exemplo mais marcante disto foi o professor de História que conteve a ansiedade persecutória da sala e não potencializou sua angústia. Este professor tratou a 5ª série como trataria a 7ª, 8ª ou qualquer outra classe. Recuperou assim o

sentido de todos estarem ali reunidos: a aprendizagem.

Nesta lógica de reservar o pior de si, acabaram sendo incluídos os instrumentos de auxílio que transformavam-se em armas contra a indisciplina e contra o próprio aluno. O exemplo do reforço escolar mostra que algo que serviria para ajudar o aluno torna-se um meio de chantagem àqueles que são submetidos a isto.

Contudo, há formas de sair deste círculo vicioso, fazendo com que o professor não seja amplificador da ansiedade, mas alguém capaz de contê-la e, apesar da existência desta ansiedade, capaz de ver o aluno como tal: com necessidade de aprender e de se relacionar através de vínculos mais positivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, J. G. (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- BRANDÃO, C. R. (Org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- GUIMARÃES, A. A. *A Indisciplina na escola*. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1998 (mimeogr).
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos: (1946-1966)*. 2. ed. Trad. B. H. Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LÜDKE, M. A pesquisa qualitativa e o estudo da escola. *Cadernos de Pesquisa*, n.49, p.43-4, 1984.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- PATTO, M.H.S. (Org) *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU, FFLCH/USP, 1983.
- THIOLENT, M. J. M. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. *Cadernos de Pesquisa*, n.49, p. 45-60, 1984.